

Furusato - Um lugar para voltar: relatos da produção de um documentário compartilhado junto à comunidade japonesa de Ivoti (RS)¹

**Alexsânder Nakaóka Elias (NIISA/PPGDS/Unimontes e
NAVISUAL/PPGAS/UFRGS)²**

Palavras-chave: Antropologia Audiovisual, Furusato, Colônia japonesa de Ivoti

Resumo: O presente trabalho pretende expor o processo de produção do documentário intitulado “Furusato: Um lugar para voltar”, atualmente na etapa de montagem e edição, que estou realizando juntamente com interlocutoras/es associadas/os à Colônia Japonesa de Ivoti, no Rio Grande do Sul. O projeto para este curta-metragem, por mim dirigido, foi contemplado com uma verba da Lei Paulo Gustavo de incentivo à cultura, e conta com a participação, na equipe de produção, de interlocutoras/es que permitiram que eu realizasse minha primeira pesquisa de pós-doutorado, “Por uma Antropologia da Montagem: narrativas e grafias *nikkeis*”, vinculada ao Núcleo de Antropologia Visual (Navisual) da UFRGS, entre 2021 e 2023, com auxílio de uma bolsa do CNPq (PDJ). Ao longo dos quase dois anos de convívio com essa comunidade japonesa, estabeleci intenso diálogo e, mais importante do que isso, fortes laços de afeto e amizade, como por exemplo com Iaioi *sensei*, minha professora de *nihongô* (língua japonesa), uma interlocutora privilegiada (Turner, 1967; Bateson, 1942; Wagner, 1975, Nakaóka Elias, 2018, 2019) que me apresentou às/aos demais integrantes da equipe e às pessoas da colônia, como, por exemplo, ao seu filho Anthony Massayoshi Tao (produtor, intérprete e tradutor do projeto) e ao amigo Marco Ushida (produtor e tradutor). Seguindo a trilha iniciada por Jean Rouch (1952, 1955, etc.) e tendo como inspiração o fecundo projeto “Vídeo nas Aldeias” (Carelli e Valadão, 1986), a intenção, portanto, será a de realizar uma “antropologia audiovisual compartilhada” *stricto sensu*, relatando verbo-visualmente os processos de elaboração, produção e finalização do projeto, com suas idiossincrasias, tensões e, especialmente, momentos de partilha.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

² Pesquisa financiada por bolsa CNPq-PDJ. Atualmente, bolsista da Fapemig.

Preâmbulo: A formação do campo e o estabelecimento das interlocuções

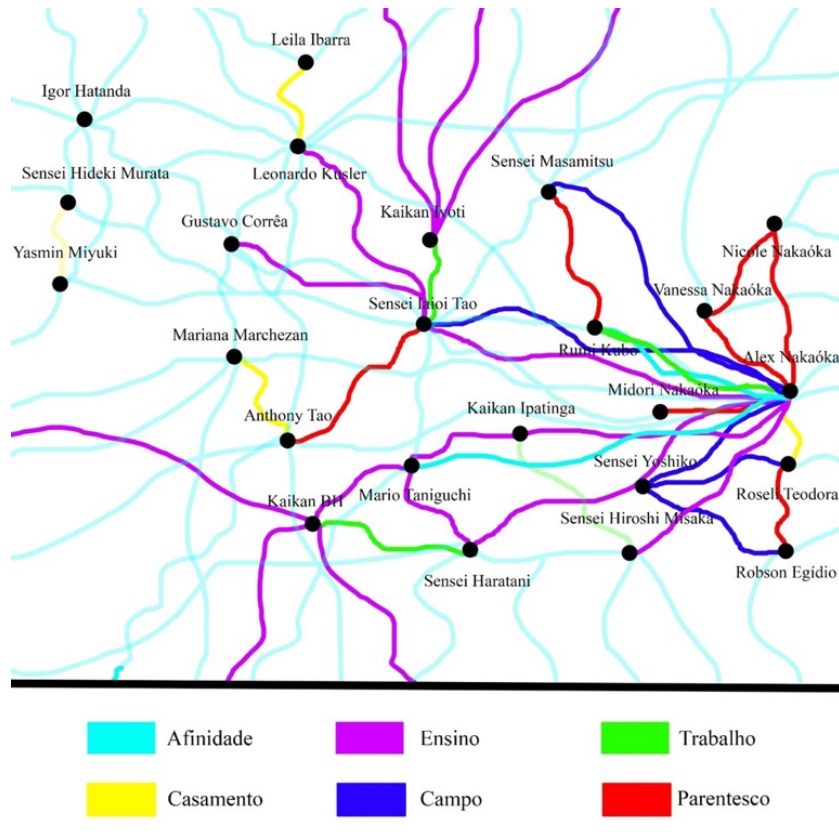
Após iniciar a pesquisa “Por uma Antropologia da Montagem: narrativas e grafias *nikkeis*” no auge da pandemia da Covid-19 (2020), passei o ano de 2021 frequentando virtualmente as reuniões do Núcleo de Antropologia Visual da UFRGS. Neste mesmo período, ainda com o isolamento social mais intenso e residindo na cidade de Ipatinga (MG), realizei pesquisas de campo com uma mestra japonesa radicada na região, a *sensei* Yoshiko Inoue Honda. Depois, em abril de 2022, com a diminuição dos riscos de contágio devido à vacinação e o retorno das atividades presenciais, me mudei para Porto Alegre, com o foco de pesquisa na cidade de Ivoti, cerca de 50km da capital do Rio Grande do Sul. Portanto, entre 2022 e 2023 realizei atividades de pesquisa etnográfica, especialmente em Ivoti, mas também na capital gaúcha, produzindo diários de campo, fotografando, filmando e entrevistando minhas/meus interlocutores/as, em especial uma outra mestra, a *sensei* Iaioi Tao.

Depois da mudança para Porto Alegre, minha atenção se direcionou para a maior colônia do estado, localizada em Ivoti, que abriga um Memorial da Imigração com diversos objetos doados pelas famílias pioneiras; além de uma escola de japonês (*gakkō*) e um amplo pátio, local onde acontece, mensalmente, uma feira com produtos agrícolas, comida típica e também exposições culturais japonesas. A confecção do que venho chamando de um “duplo diário de campo”, escrito e gráfico (composto por fotografias, vídeos e áudios), tem início no “Memorial da Colônia Japonesa”, localizado próximo das habitações para onde, a partir de 1966, 26 famílias se estabeleceram. Depois, juntaram-se a elas mais 19, totalizando 45, que adquiriram 37 lotes, formando a Colônia Japonesa de Ivoti. Cada família possuía inicialmente cerca de 5 hectares, cultivando, no começo, uvas do tipo Itália. Os 200m² construídos do Memorial – que se situa entre as ruas *Monte Fuji* (montanha/vulcão sagrada no Japão) e *Sakura* (árvore símbolo do país) e possui arquitetura em estilo japonês –, assim como os 900m² do entorno, reúne fotografias vernaculares, objetos de viagem, ferramentas do trabalho agrícola, roupas, utensílios domésticos, brinquedos, objetos sagrados, vestígios e narrativas dos/as japoneses/as que ali se instalaram. Além do acervo local, o Memorial abriga relíquias da província de Shiga (Japão), estado coirmão do Rio Grande do Sul, com 81 peças representativas da economia e da cultura, como cerâmicas e outros objetos.



Montagem 01: Fotografias do Memorial da colônia de Ivoti (coloridas), juntamente com imagens de acervo de Yoshiko Inoue Honda (preto e branco e sépia), que dão a ver o início da imigração japonesa em Ivoti (RS) e Ipatinga (MG).

Conforme mencionado, ocorrem, faça chuva ou faça sol, feiras mensais, sempre no último domingo de cada mês, nas quais as famílias vendem alimentos típicos (*sashimi*, *sushi*, *tonkatsu*, *yakissoba*, etc.), hortaliças e objetos como *souvenir* (*omiyage*). O campo de *gateball* (esporte que tem semelhanças com o críquete) também estava sempre ocupado pelos *dichans* (“vovôs”) e *bachans* (“vovós”). Foi nesse local, especificamente na escola de língua japonesa (*gakkō*) que conheci minha “interlocutora privilegiada” (Turner, 1967; Bateson, 1936; Wagner, 1967; etc.), *sensei* (professora, mestra) Iaioi Tao, uma pessoa articulada e com alta capacidade narrativa, à lá Nikolai Leskov, de Walter Benjamin, quem me recebeu, apresentou e integrou como “fotógrafo-antropólogo” junto à comunidade. A partir do meu contato com Iaioi *sensei*, portanto, conheci muitas outras pessoas, formando um *meswhork* no sentido proposto por Ingold e cuja representação apresento na imagem abaixo:



No dia 26 de junho de 2022, por exemplo, aconteceu uma feira especial, em comemoração ao 114º aniversário da imigração japonesa ao Brasil, celebrada no dia 18 de junho. Tivemos *taikôs* (tambor japonês) e *bon odori* (dança japonesa); a presença do Cônsul do Japão em Porto Alegre, Takashi Yokoyama; da monja Kokai, mestra zenbudista da cidade de São Leopoldo (20km de Ivoti), que realizou um culto matinal; e de autoridades políticas. Ainda presenciamos a exibição das artes marciais *Judô*, *Kendô* e *Aikidô*, encerrando-se o evento com uma tradicional cerimônia do chá (*chadô*).

Esta mesma cerimônia foi, inclusive, observada na cidade de Ipatinga (Minas Gerais), junto à *sensei* Yoshiko Inoue Honda. Além de ter presenciado tal cerimônia em 16 de janeiro de 2021, já havia realizado uma longa entrevista, em tom de diálogo, com Yoshiko, no dia 17 de dezembro de 2021. Nesta ocasião, tive acesso a um baú com cerca de 470 fotografias, que me foi emprestado pela sua guardiã para que eu as fotografasse/reproduzisse digitalmente. Ainda são muito vivas, em mim, as lembranças dos incríveis sabores e aromas do chá e dos doces que o acompanhavam, pois na cerimônia em Minas Gerais era um dos convidados da Yoshiko *sensei*:





Sequência sobre a cerimônia do chá (Yoshiko *sensei*, Ipatinga, MG).

Em 24 de julho de 2022, fui convidado pela Iaioi *sensei* para registrar o 33º Kolonistenfest (desfile do colono), que reuniu diversas famílias de descendentes de alemães, maioria em Ivoti e na região (Vale dos Sinos), além de representantes da colônia japonesa. Após o evento, como é costume, compartilhamos uma refeição.





Participação da colônia japonesa no 33º Kolonistenfest (Ivoti, RS).

Na feira de julho de 2022 tivemos duas oficinas de *origami* (arte de dobrar papel). Já entre 01 e 02 de agosto do mesmo ano, participei, – observando, fotografando e filmando –, do curso de *ikebana* (arte com arranjos florais) da mestra japonesa Tada Reishu, da escola Sangetsu, a convite do ex-cônsul japonês em Porto Alegre, Takashi Yokoyama. No dia 21 de agosto, acompanhei o último dia do 9º Festival do Japão em Porto Alegre. O evento contou com a presença de um grande público, muitos/as fazendo *cosplay* de seus personagens favoritos/as. A celebração nos brindou com apresentações de *karaokê*, coral, *taiko*, *bon odori* e artes marciais diversas, como *aikidô*, *naginata* (espada samurai), *kyudô*, *kempô* e *sumô*. Além disso, houve exposições de jogos de tabuleiro como o *gô* e o *shôji* (xadrez japonês); *karuta* (literalmente, jogo de “cartas”); *origami*; *ikebana*; *bonsai*; e das escolas japonesas do Rio Grande do Sul (*gakkô*), incluindo a de Ivoti. Foi neste evento que me deparei com Igor Hideki Hatanda, mais conhecido como Takasan, que havia conhecido em Ivoti e que me pediu que registrasse seu trabalho, que consiste na arte do *takezaiku* ou “bambooworking”.



Arte de dobrar papel (*origami*), com Murata *sensei* (Ivoti, RS).





Takezaiku, com o *sensei* Igor Hatanda (Porto Alegre, RS).

Uma Antropologia (deveras) compartilhada: composição da equipe para elaboração do projeto

Após esse intenso convívio, estabeleci laços de afeto e amizade com membros e colaboradores da colônia, em especial a partir das interações com Iaioi *sensei*, minha professora de nihongô (língua japonesa), interlocutora privilegiada (Turner, 1967; Bateson, 1942; Wagner, 1975, Nakaóka Elias, 2018, 2019) que me apresentou às/aos demais integrantes da equipe e às pessoas da colônia, como, por exemplo, ao seu filho Anthony Massayoshi Tao (produtor, intérprete e tradutor do projeto) e aos amigos Marco Ushida (produtor e tradutor) e Gustavo Almeida (codiretor e responsável pelo som).

Tais relações culminaram, no apagar das luzes do pós-doutorado, em novembro de 2023, na aprovação do, na época, projeto fílmico “Trajetórias e memórias da colônia japonesa de Ivoti”, construído em colaboração com Iaioi *sensei*, Ushida-san, Anthony Tao e Gustavo Almeida. Este projeto, que foi contemplado pela Lei Paulo Gustavo de Incentivo à Cultura, busca seguir as trilhas iniciadas por Jean Rouch (1952, 1955, etc.) e tem como inspiração o fecundo projeto “Vídeo nas Aldeias” (Carelli e Valadão, 1986). A intenção, portanto, é a de realizar uma “antropologia audiovisual compartilhada” *stricto sensu*, e o presente relato verbo-visual busca dar a ver os processos de elaboração, produção e montagem do projeto, com suas idiossincrasias, (muitas) tensões e, especialmente, momentos de partilha.

O “Vídeo nas Aldeias” (VNA), criado em 1986, é um projeto seminal na área de produção audiovisual indígena no Brasil, que surgiu dentro das atividades da ONG “Centro de Trabalho Indigenista”, como uma experimentação realizada pelo antropólogo

franco-brasileiro Vincent Carelli entre os Nambiquara, apoiado por sua companheira, a também antropóloga Virgínia Valadão. O intuito central da proposta, desde o início, era o de apoiar as lutas dos povos tradicionais a partir da manutenção e do fortalecimento de suas identidades e patrimônios materiais (incluindo os territórios ancestrais) e imateriais (sua cultura e seus modos de vida), por meio da produção audiovisual compartilhada. Inicialmente, a equipe do VNA realizava as filmagens e as apresentava aos/às interlocutores/as indígenas, gerando um engajamento crescente, nos moldes que nos remete ao processo produtivo e reflexivo de Jean Rouch, que desde o final da década de 1940, mas principalmente na década de 1950, já realizava filmes entre povos tradicionais africanos.

Com o conceito de “etnoficção” apresentado em seus filmes (1955, 1958, etc.), Rouch de certa maneira antecipou a chamada “antropologia compartilhada” (Hikiji, 2013; Heusch, 2006), realizando obras que misturavam características dos documentários clássicos (tomados como reais e objetivos) e das ficções (consideradas como narrativas totalmente inventadas, pertencentes ao imaginário), construídas a partir de personagens “reais”, encenados por “atores” que desempenhavam o seu próprio papel como membros de um grupo étnico e/ou social. Ao apresentar, desde os primórdios, um grande potencial produtivo, reflexivo e epistêmico, o alcance do VNA se expandiu gradativamente a outros grupos étnicos, originando uma série de vídeo sobre como cada comunidade tradicional se apropriava e incorporava o vídeo/cinema como prática expressiva particular.

Na mesma direção, o projeto “Trajetórias e memórias da colônia japonesa de Ivoti” buscou, em um primeiro momento, a coleta de narrativas e histórias de vida de moradores/as e frequentadores/as da comunidade para compor etnobiografias (Kofes e Manica, 2015; Gonçalves, Cardoso, et al., 2012; Nakaóka Elias, 2018, 2019, 2020) audiovisuais. Neste contexto, o trabalho conta com a participação dos/as interlocutores/as em todas as etapas, incluindo na equipe, atuando na elaboração do roteiro, na produção e na edição/montagem. A partir desse processo, o intuito será, ainda, o de promover a circulação dos produtos audiovisuais dentro da comunidade, da academia e da sociedade civil, para que esse acervo, originado por uma Antropologia que se pretende verdadeiramente compartilhada, constitua uma importante devolutiva (ou uma contradádiva, como nos diria Marcel Mauss, 1925).

Furusato: um lugar para voltar

O intuito com o filme, desde o início, é o de retratar a trajetória das famílias pioneiras da colônia japonesa de Ivoti, comunidade que sofre com a saída das gerações mais jovens, que vão trabalhar como *decasséguis* (imigrantes) no Japão ou optam por partir para Porto Alegre e outras cidades e não mais trabalhar com a agricultura, como seus pais e avós. A preocupação com essa evasão ou esvaziamento da colônia fomentou, em diversas falas, a aparição do termo “*furusato*”. “*Furusato*” ou 里, ou, ainda, ふるさと (sendo que *furu* significa antigo, velho; e *sato*, terra ou cidade natal) foi traduzido recorrentemente por nossos/as interlocutores/as como “Terra natal” ou, nas palavras de Paulo Tanaka, presidente da Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti (ACENB), “Um lugar para voltar”.

Assim, do nome provisório “Trajetórias e memórias da colônia japonesa de Ivoti”, o filme etnográfico passou a se chamar “*Furusato – Um lugar para voltar*”, pois estávamos à procura de um título que mostrasse a “alma” do documentário. O termo foi citado, além do presidente, por Yoshioka-san e Neshiba-san, duas residentes da colônia que cantaram uma música homônima durante uma entrevista; além do atual Cônsul do Japão em Porto Alegre, Shimizu Kazuyoshi; e Taniguchi Hiroshi, da Associação de Assistência Nipo Brasileira do Sul (Enkyosul). Esta palavra, aparentemente simples, carrega um conceito de “ouro”, uma “ideia” que escolhemos como título do documentário, visto que, apesar da preocupação com a evasão da comunidade, todos/as percebiam que a colônia japonesa de Ivoti era um porto seguro, um local onde todos/as regressariam, mesmo que de passagem e por um curto período de tempo, pois carrega em seu território e ambiente as memórias familiares e afetivas.

A importância desse documentário se dá no mesmo sentido, a saber, para que fique registrado o legado dos/as primeiros/as imigrantes japoneses/as que se fixaram no município de Ivoti. Para que os/as descendentes, e os não descendentes, também, possam ter um melhor entendimento sobre a história do processo imigratório, e que, de alguma forma, preservem o que essas pessoas de melhor trouxeram para o município de Ivoti e para o Brasil. Não só a beleza das diversas formas de expressão cultural, como o *taiko*, *bon odori*, arquitetura, *origami*, língua, vestimentas, a saborosa culinária, o *Jay Pop* (com os *animês*, os *mangás* e os *durama*), mas também a riqueza das histórias de vida das pessoas que tentamos apresentar no documentário.

Então, a ideia é mostrar como é importante a preservação do que de melhor esses/as imigrantes trouxeram para o município e para o Brasil: a cultura japonesa, compreendida como comportamentos, tradições e conhecimentos de um determinado grupo social, incluindo a língua, as comidas típicas, música, artes, vestimentas, entre outros aspectos. E tudo isso percebendo como esses/as japoneses/as se inseriram, como a diversidade sociocultural em Ivoti expandiu horizontes e enriqueceu o conhecimento sobre diferenças culturais, promovendo a tolerância, o respeito e a admiração mútua.

De forma prática, para a produção do documentário, realizamos 6 diárias, sendo que, inicialmente, seriam 4. Com um novo aporte financeiro, da ordem de 50%, pudemos aumentar o número de entrevistas, que totalizaram 22, e filmamos duas diárias ainda em 2023, nas feiras da colônia japonesa de novembro (26/11/23) e dezembro (17/12/23); e 4 diárias em 2024, nos dias 22, 24, 25 e 26 de fevereiro. Alugamos equipamentos profissionais da produtora Colateral Filmes, de Porto Alegre, e utilizamos uma câmera e objetivas de cinema; equipamentos de áudio como microfone e vara de boom, gravador H5, microfones de lapela profissionais; além de câmeras fotográficas e até um drone para tomadas aéreas.

Na equipe, contávamos com os/as cinco produtores/as e um grupo técnico contratado. Buscamos por profissionais da grande Porto Alegre e do Vale dos Sinos, tentando observar as multiplicidades de gênero e étnico-racial. Além de mim, a produção executiva, como já mencionado, é formada por Iaioi Tao, graduada em Letras Português/Latim, pela UFRGS; seu filho Anthony Tao, graduado em Ciências Sociais e mestrando em Ciências Políticas pela UFRGS; Gustavo Almeida, graduado em Produção Fonográfica, com especializações na área de Paleontologia, e mestrando em Computação Aplicada pela Unisinos; e Marco Ushida, graduado em Ciências Sociais pela PUC/RS e mestre em Ciências Sociais pela UFSM. A equipe técnica contou com dois/duas câmeras, Maria Luíza Apollo e Renato Winckiewicz; dois/duas profissionais do som, Nathan Lopes e Elisa Dullius; e três fotógrafos para a produção dos *making of*, Martina Camini, Day Montenegro e Crystom Afronário. Um breve recorte do making of pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=MWt2NmIuUmc>.

Epílogo:

Como próximos passos, é fundamental dizer que o projeto, ao refletir sobre a multiplicidade étnica e de gênero, também investirá na multiplicidade da recepção do filme, pensando nas questões de acessibilidade, que incluirão dupla legendagem, em português e japonês, visto que uma parte considerável dos/as moradores/as da colônia falam somente japonês, e outra parte somente o português; além de tradução em libras.

Além disso, é fundamental dizer que o documentário sofreu um atraso considerável, devido às fortes chuvas e consequentes enchentes, que inundaram o Rio Grande do Sul em maio de 2024, e afetou (e ainda afeta) de forma intensa a vida dos/as produtores/as e dos/as interlocutores/as do filme. Atualmente, o trabalho que deveria estar na sua fase de montagem, ainda se encontra no momento de decupagem do material, para a escolha dos planos que irão compor nossa linha narrativa, que terá alicerce no conceito de “furusato”. Pretendemos finalizar a decupagem no mês de julho, passando para a edição e montagem (Eisenstein, 1929, 1942; Warburg, 1929) entre agosto e setembro. No mês de outubro realizaremos a edição e o desenho de som, juntamente com a legendagem em português e japonês. A composição de uma trilha sonora própria para o filme também será realizada nesse momento. A mixagem do som, juntamente com a tradução em libras está prevista para ser realizada no mês de novembro, com a finalização do curta, que terá cerca de 30 minutos, em meados de dezembro deste ano.

Embora não seja nativo da colônia japonesa de Ivoti, tenho uma ligação muito forte e intensa com a cultura japonesa, que se deve a minha própria ancestralidade, como *nikkei*, tendo minha mãe, que hoje é *decasségui* no Japão, como figura de referência. Além disso, convivo e estudo grupos e comunidades japonesas desde o início do mestrado, ou seja, desde 2011, quando iniciei minha pesquisa junto à comunidade budista *Honmon Butsuryu-shu*, primeiro grupo deste segmento a vir para o Brasil, no *Kasato Maru*, em 1908. No doutorado, continuei minha pesquisa de campo com esse grupo, tendo realizado, em 2014, uma viagem para o Japão, para conhecer os *Otera* (templos) nipônicos.

Além dessa ancestralidade e desse histórico, o mais importante é ressaltar que, entre 2021 e 2023, durante o meu pós-doutorado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizei uma pesquisa que voltou o olhar para comunidades e pessoas japonesas (*nikkeis* e *decasséguis*) que habitam, especialmente, o Rio Grande do Sul. Em

especial, fixei morada em Ivoti por seis meses, para conhecer e conviver com as pessoas da colônia japonesa, a maior do estado sulino. Aí, estudei japonês no *gakkou* com Iaiou *sensei*, participei como voluntário nas Feiras, estive em vários eventos da Acenb, participei do *Kolonintenfest*. Além e muito mais importante do que o extenso acervo fotográfico, videográfico, sonoro e textual que produzi, fiz muitos e bons/as amigos/as, e guardo, apesar de no momento estar distante, um profundo apreço, gratidão e carinho pela colônia e pelas pessoas que nela habitam ou por ela circulam, que tão generosamente me acolheram.

Essa relação culminou neste documentário “Furusato: um lugar para voltar”, que está sendo produzido com auxílio da Lei Paulo Gustavo e apoio da Acenb, a partir da minha união com pessoas que nasceram na colônia de Ivoti e outras que, assim como eu, se agregaram ao longo do tempo. Reconheço, nesse sentido, que a colônia também se tornou, após curto, mas intenso convívio, um “furusato”, um lugar que, por mais distante que eu esteja, pretendo sempre regressar.

Referências bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

_____. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CARDOSO, Vânia. Marias: a individuação biográfica e o poder das estórias. In. GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia (orgs.), *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 37-60.

CARELLI, Vincent. Video in the Villages: Utilisation of Videotapes as an instrument of Ethnic Affirmation Among Indian Groups, CVA Newsletter, 1988.

_____. Vídeo nas Aldeias: um encontro dos índios com sua imagem. *Tempo e Presença*, vol. 270, p. 35-40, 1993.

_____. *Projeto Vídeo nas Aldeias: um encontro dos índios com sua imagem*. Projeto de Pesquisa Integrada/Conselho Nacional de Pesquisa, 1994.

_____. *The Project and the documentaries: two distinct and complementary dimensions of the Video in the Villages Project*, New York University, Center for Media, Culture and History, 1995.

CARELLI, Vincent; GALLOIS, Dominique Tilkin. Vídeo dans les Villages: l’expérience Waiãpi. *Lumières Cinéma*, 1992.

_____. Cinema e povos indígenas: Experiências. *Cinema e Antropologia: Horizontes e Caminhos da Antropologia Visual*, Rio de Janeiro, 1994.

- _____. Vídeo e diálogo cultural. *Revista de Antropologia Visual*, vol.2, 1995a.
- _____. Diálogo entre povos indígenas: a experiência de dois encontros mediados pelo vídeo. *Revista de Antropologia*, vol. 38/1, USP, 1995b.
- _____. Índios Eletrônicos. *Revista CINEMAIS*, Rio de Janeiro, 2000.
- EISENSTEIN, Serguei. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002a.
- _____. *A forma do filme*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Editora, 2002b.
- NAKAÓKA ELIAS, Alexsânder. Devolver a imagem: a fotografia como ato etnográfico. *Revista Mundaú*, n. 3, 2017, p. 106-121.
- GONÇALVES, Marco Antonio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In. GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia (orgs.). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 19-36.
- HEUSCH. Luc de. Jean Rouch et la naissance de l'anthropologie visuelle: Brève histoire du Comité international du film ethnographique. *L'homme*, n. 180, 2006, p. 43-72.
- HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. Rouch compartilhado: premonições e provocações para uma antropologia contemporânea. *Iluminuras*, n. 32, 2013, p. 113-122.
- INGOLD, Tim. *Lines: a brief history*. Londres: Routledge, 2007.
- _____. *Redrawing Anthropology: material, movements, lines*. Londres: Routledge, 2011.
- _____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, n. 37, 2012, p. 25-44.
- _____. *Estar vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- KOFES, Suely; MANICA, Daniela. (orgs.). *Vida e Grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- MAUSS, Marcel. *Essai sur le don*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. (Original publicado em 1925).
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Ubu Editora, 2017 (Original publicado em 1975).
- WARBURG, Aby. *Der Bilderatlas Mnemosyne* (sob a direção de Martin Warnke e de Claudia Brink). Berlim: Akademie Verlag, 2000.

Sites:

<http://www.videonasaldeias.org.br>

<https://www.youtube.com/user/VideoNasAldeias>

<https://www.youtube.com/watch?v=3-Gz-PCZXiw>

<https://www.dicio.com.br/experiencia/>

Filmografia:

Os mestres loucos. 1955. Direção: Jean Rouch.

Moi, um noir. 1958. Direção: Jean Rouch